

O ENSINO DE PRÁTICAS CORPORAIS NA ESCOLA: APROXIMAÇÕES À EDUCAÇÃO HUMANIZADORA

Bruno Sarturi Hundetmarck*

Thais Machado Costa**

Introdução

A educação, a escola e os saberes docentes, constantemente são temas de discussões e reflexões, visto os novos tempos e os novos desafios que estão despontando em nossa sociedade. Hoje é essencial rever o modo como pensamos e exercemos a nossa prática docente, uma vez que os alunos imersos no processo de mudança exigem que os professores beneficiem não só os saberes próprios de suas disciplinas, mas que sejam capazes de torná-los significativos à medida que o aluno se reconheça como o autor de sua aprendizagem.

Ensinar não é apenas informar, ensinar é provocar o aluno a descobrir e ampliar seus conhecimentos, potencializando-o por meio de experiências significativas. Assim passamos a entender a Educação não como uma etapa de preparação do indivíduo para o mundo do trabalho, mas como um processo de preparação para a vida, com o qual a criança, o jovem e o adulto sejam capazes de projetar seu futuro. Para isso nós professores temos um papel extremamente importante de promover reais condições para que isso se efetive

Considerando os aspectos acima expostos é relevante atentarmos para como essas mudanças estão sendo percebidas pelos professores e demais educadores que compõem a escola. A máxima de que os alunos de hoje não são mais os mesmos, já é conhecida, mas será que os professores ainda são os mesmos? É possível depositar na Educação a esperança de um futuro promissor, se ela está vivendo esse descompasso?

* Colégio Antônio Alves Ramos – Pallotti.

** Colégio Antônio Alves Ramos – Pallotti.

Essas divergências e dúvidas permeiam todas as áreas que compõem o currículo escolar, logo, optamos discutir acerca do ensino das práticas corporais na escola, não estritamente ligada ao momento das aulas de Educação Física, mas também reconhecendo o contexto geral e os distintos espaços em que essas práticas se desenvolvem dentro da escola. E, sobre o ensino das práticas corporais, nos deteremos especificamente analisá-las sob o viés da Educação Humanizadora, considerando o contexto da sociedade contemporânea.

Desse modo, o objetivo deste artigo é problematizar o ensino das práticas corporais na escola a partir de um viés humanizador.

Para alcançarmos esse objetivo, dividimos este artigo em três seções. A primeira busca refletir sobre os conceitos e princípios inerentes a Educação Humanizadora. Em um segundo momento, destacamos importantes aspectos históricos da Educação Física escolar brasileira. E, por fim abordaremos sobre os desdobramentos pertinentes ao ensino das práticas corporais com um viés humanizador.

1 Educação humanizadora

A relevância do termo humanização nos leva a refletir sobre os valores e comportamentos difundidos na atual sociedade, que em muitos casos contribuem para a individualização, consumismo exacerbado e hedonismo. Para Esclarín (2006, p.16) “A sociedade atual está doente de insensibilidade e tédio, e em vez de enfrentar a raiz de sua doença, fomenta a dependência do consumismo [...], e ao mesmo tempo está se afundando em uma vida vazia, sem sentido e sem compromisso”.

A ausência de comprometimento pela vida social, familiar e individual acarreta a perda de sentido das palavras, que se tornaram levianas, como exemplo o emprego das palavras “direitos humanos”, “deveres”, “humanidade”, “liberdade” e “Deus”. Para Esclarín (2006, p.20) “é impossível construir, um mundo humano, quando a palavra não tem nenhum valor, quando o falso e o verdadeiro são meios igualmente válidos para se conseguir os objetivos, [...]”.

Os valores da competitividade e da produtividade, tão disseminados como primordiais na sociedade contemporânea, resultam, por exemplo, na necessidade de ter a posse de algo, ou seja, uma corrida desenfreada pela busca constante de ter sempre mais bens materiais. Convivemos com uma crescente e constante valorização do ter em detrimento do ser e essa inversão implica em uma nova visão de ser humano.

Nesse sentido o compromisso dos Educadores é o de esclarecer e resgatar nos seus alunos os valores que estão sendo desprezados, pois afinal, para que serve o conhecimento que construímos com eles?

Hannah Arendt é incisiva ao afirmar que uma das qualidades do professor consiste em conhecer o mundo ao seu redor, ser capaz de instruir os outros acerca dele. Para ela, qualquer pessoa que recuse assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e melhor seria proibi-la de tomar parte em sua educação, Arendt (2006).

Ser professor vai além de dominar saberes disciplinares e técnicos além de transmitir conteúdos fragmentados e cristalizados, ser professor hoje é romper com a apatia e práticas do passado entendidas como próprias a profissão. A profissão docente comporta um sério compromisso social e exige que esse profissional seja um modelo de virtude, capaz de encantar e mudar comportamentos e atitudes. Como afirma Imbernón (2011) às mudanças na profissão docente implicam “considerar o professor como um agente dinâmico cultural, social e curricular, capaz de tomar decisões educativas, éticas e morais...” (p.22).

Ser professor sempre foi uma tarefa difícil, que exige destes profissionais competências e habilidades mobilizadas e utilizadas em seu fazer pedagógico, a fim de promover a formação integral do indivíduo, ou seja, é importante perceber o aluno como um ser que pensa, mas que também sente e se relaciona. Dessa forma nós professores estamos inseridos na missão de construir uma educação mais humanizada e humanizadora.

Quando falamos em Educação Humanizadora não estamos querendo engessar o trabalho do professor em um modelo ou padrão a ser seguido, como inúmeras vertentes e propostas educacionais que conhecemos. Ao contrario disso, a Educação Humanizadora se sustenta e se fortalece mediante ao diálogo, como destaca Henz (2007)

Educar é humanizar, é ensinar-aprender a *genteidade*. Mais do que pelas teorias e conceitos, aprendemos a humanização convivendo, dialogando, cooperando, envolvendo-nos em processos de ensino-aprendizagem em que cada um(a)-educando(a) e educador(a) possa dizer a sua palavra na inteireza de seu corpo consciente (HENZ, 2007, p.150).

Logo a busca por uma Educação Humanizadora significa que todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem devam pensar e agir fundamentando-se em princípios éticos e responsáveis. Esse processo que falamos é desafiador para os professores que ainda se colocam acima de seus alunos, e que ainda entram na escola com a proposta de transmitir conteúdos, sem ao menos saber se o conteúdo que está ensinando tem significado ou sentido para o aluno.

Essa perspectiva de educação tem a intenção de preparar as crianças, os jovens e os adultos “para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valores, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida” (DELORS, 2003)

Em vista disso, repensar a prática docente é indispensável. O professor tem responsabilidades nos processos educativos, mas ele também é um ser humano em constante transformação. Desse modo devemos incentivar os docentes a ousar, fazer e refazer perguntas, dialogar, incentivar a curiosidade, trabalhar cooperativamente, uma vez que a Educação Humanizadora só será alcançada por meio de uma práxis educativa, criativa, reflexiva e dialógica.

Seguindo essa ideia, Henz (2007) elencou cinco dimensões necessárias para (re)humanizar a educação, sendo elas ética-política, técnico-científica, epistemológica, estético-afetiva e pedagógica. Destacamos a três últimas, não por considerá-las mais importantes, mas por entendermos que essas dimensões estão um pouco esquecida no fazer pedagógico.

Na dimensão epistemológica o autor descreve que os novos conhecimentos vão sendo construídos tendo com base os conhecimentos previamente sistematizados e ressalta a importância de substituir a “pedagogia da resposta” pela “pedagogia da pergunta”, transformando esses em agentes ativos e curiosos. A dimensão estético-afetiva está associada com o aprender a ser, ou seja, por meio de problematizações e diálogos o aluno assume e reconhece sua importância como pessoa capaz de contribuir para a transformação social. A dimensão pedagógica rompe o distanciamento entre o professor e o aluno, logo, o autor fala que não cabe ao professor tudo ensinar, mas sim conduzir o processo de aprendizagem e a tomada de consciência. Nessa perspectiva de Educação Humanizadora a escola vai constituindo-se um espaço prazeroso, onde os sujeitos passam a assumir sua postura crítica, questionadora e reflexiva.

Dentre os desafios impostos à educação escolar legitima-se comentar sobre as transformações das relações interpessoais e comportamentos favoráveis ou prejudiciais a proposta humanizadora. Desse modo, salientamos o problema da desestabilização e desorientação familiar. Por vezes, estamos naturalizando a falta de compromisso com a educação dos filhos, o que abre espaço para a transmissão de valores divulgados na mídia, por exemplo, que podem afetar a vida dessas crianças. Comprometer a escola com essa responsabilidade familiar tende a promover sobrecarga ao trabalho pedagógico e ao mesmo tempo desvia o foco do ensino do conhecimento historicamente produzido pela humanidade.

A metáfora *para quem não sabe para onde vai qualquer caminho serve* ilustra perfeitamente o que acabamos de citar. Estamos rodeados de tutores ideológicos que a todo tempo nos oferecem caminhos a seguir, porém, caminhos que levam a direções obscuras e servem a interesses principalmente de ordem econômica.

Frente a essa sociedade tão conturbada e superficial é que precisamos organizar nossa prática docente. Não há mais sentido ser professor para apenas transmitir conhecimentos e informações, para isso as novas tecnologias são extremamente eficientes. Precisamos refletir constantemente sobre essas demandas que nos são postas e ter a noção da responsabilidade que temos enquanto educadores na sociedade contemporânea, repleta de novos desafios e novas relações sociais e comunicativas.

Reconhecer as diferentes culturas e o valor presente em cada ser humano, o valor e a importância da natureza, encaminham para uma aprendizagem significativa e humana. Sobre isso, Esclarín (2006) cita que:

Deve-se educar para a austeridade e para a partilha, para a busca de um desenvolvimento humano sustentável que atenda as necessidades de todos e não só de alguns poucos, que priorize a qualidade de vida sobre a quantidade de coisas e que ensine a respeitar, a amar e a cuidar da natureza (p.108).

O ensino para a humanização corresponde a esses princípios expostos aqui e com certeza abarca outros importantes valores que preservam a dignidade da vida humana. Passamos na próxima seção à revisão histórica sobre o lócus da nossa investigação dentro do espaço escolar, o ensino das práticas corporais sistematizadas pela Educação Física.

2 Aspectos históricos da educação física

Ao recordarmos a história da Educação Física escolar brasileira nos deparamos com distintas concepções teóricas que legitimaram esta disciplina como integrante do currículo formal e obrigatório das escolas. Tal conhecimento e revisão histórica se faz necessário para que consigamos analisar desveladamente como a Educação Física está sendo embasada hoje, ou, quais as correntes teóricas que os intelectuais da área se apropriaram para possibilitar que hoje possamos desenvolver nossas práticas pedagógicas com objetivos não meramente técnicos, mas sim críticos e humanizadores.

Cabe ressaltar que as concepções teóricas aqui descritas permanecem ativas na escola até os dias atuais, indicando que cada escola possui características diferentes e professores

com formações distintas, porém, é possível sim destacar determinados momentos históricos com influências mais próximas a determinadas concepções.

Desse modo, referenciando as primeiras inserções da Educação Física no contexto escolar é possível identificar a perspectiva da saúde, voltada as condições primárias da saúde individual e coletiva. Assim, métodos ginásticos trazidos principalmente da Europa foram sendo implementados, reconhecendo que a escola era o meio ideal para sanar problemas de saúde coletiva que preocupavam e geravam déficits para o estado. No Brasil desde a implantação da Educação Física nas escolas, em meados do final do século XIX, até aproximadamente 1930, como cita Oliveira (1986) o modelo higienista como é conhecido, representou a forma organizacional curricular para Educação Física.

Logo após essa influência higienista da Educação Física escolar, outra concepção começa a ganhar espaço, com a difusão do militarismo na sociedade brasileira, que naquele momento, buscava formar uma nação fiel a pátria brasileira. De acordo com Oliveira (1986), ao professor é concedido o status de educador físico, ou ainda de disciplinador físico.

Para Castelani Filho (1988), conforme relata na sua obra que o princípio da Educação Física brasileira deu-se através das instituições militares, a concepção ligada à educação do físico e da saúde corporal foi somada pela medicina social de caráter higiênico. Sobre esses princípios oriundos de um lado da influência higienista e por outro das instituições militares, procurou-se naquele tempo reorganizar a família brasileira, constituída anteriormente como colônia portuguesa.

Desse modo, os alunos fazem parte de um programa educacional que serve a interesses políticos e sociais específicos. Sobre os interesses políticos que permeiam o fazer pedagógico na Educação Física escolar, desde o princípio da sua inserção no contexto brasileiro, Castelani Filho (1988, p.11) comenta que ela “tem sido utilizada politicamente como uma arma a serviço de projetos que nem sempre apontam nas direções das conquistas de melhores condições existenciais para todos [...]”

Podemos destacar a partir deste argumento a importância da formação docente de cunho crítico, para que a Educação Física não contribua para reforçar ideologias dominantes e desprover dos educandos a possibilidade de superar sua condição de alienação.

Anos após o caráter militar e higienista ter instaurado-se nos currículos escolares, a concepção da escola nova começa a difundir sua perspectiva de ensino, embora poucos tivessem acesso. Nesse contexto, a valorização dos conceitos de cidadania e do “bom cidadão” imperam, corroborando conforme as concepções anteriores para formar as condutas de milhares de crianças e jovens brasileiros.

Com a ênfase em competições esportivas da época, principalmente da seleção brasileira de futebol masculino, começa-se a incentivar as competições esportivas escolares. Essa concepção conhecida como competitivista enraíza-se nos currículos, sendo possível identificá-la até hoje como hegemônica na maioria das escolas. Os princípios do treinamento desportivo ganham a vez, bem como a seleção e formação de equipes nas aulas de Educação Física. O mito da ascensão social por meio do esporte, como comenta Castellani (1988), é amplamente argumentado por meio desta concepção, valendo-se de exemplos de superação, esforço individual e talento como um meio natural de mudança de classe social.

Mais voltado à formação escolar inicial, em meio às contribuições trazidas pelas áreas sócio-interacionistas elaboradas, dentre outros autores, por Vigotski e Piaget, emerge em meados dos anos 70 e 80 a concepção construtivista e, em paralelo a concepção desenvolvimentista, esta mais preocupada com os aspectos esperados para o desenvolvimento sadio das crianças.

Mais recentemente, posterior a década de 80, inspirados em abordagens progressistas e críticas da Educação, intelectuais da área da Educação Física começaram a se apropriar destas teorias educacionais a fim de propor e refletir sobre a maneira com que as práticas eram desenvolvidas até então e sobre os sujeitos que estavam sendo formados a partir destas. Desse modo, diferentes correntes pedagógicas emergiram pautadas pelo posicionamento crítico da sociedade.

Essas tendências pedagógicas põem-se a pensar e atuar para a superação das desigualdades sociais, por meio da transformação dos currículos tradicionais tendo com base uma visão histórica e crítica da sociedade. Para Castellani (1988, p.109), os professores que desenvolvem suas práticas a partir desta teoria têm a “[...] certeza de que as atividades corporais devem se configurar como instâncias onde o Homem aprenda a construir uma sociedade mais justa.”

Porém, a inserção da perspectiva crítica no campo educacional e, especificamente na educação física escolar, não pode ser tomada como uma superação do modelo tradicional e tecnicista. Como nos afirma Kunz (2010), há uma diversificação de concepções teóricas, de um lado a hegemonia do ensino esportivo e de outro, práticas mais amplas com finalidades críticas e sociais.

3 Aproximação entre educação física e humanização

Iniciaremos a aproximação do ensino das práticas corporais na escola com viés humanizador se apropriando do embasamento acima escrito, para relatar situações bastante comuns nas aulas de Educação Física: as aulas de Educação Física constituem-se em exercícios e técnicas de fundamentos esportivos; as aulas eram separadas por gênero; os alunos mais habilidosos eram convidados a treinar no contraturno, ou seja, fazer parte da equipe escolar; e por fim se a turma colaborasse os dez minutos finais da aula eram destinados ao tão esperado jogo.

Podemos então resumir a disciplina de Educação Física com a que segregava os alunos por gênero, que favorecia os mais habilidosos, que restringia seus conteúdos em modalidades esportivas e valorizava a competição, ou seja, uma disciplina tecnicista, não inclusiva e meramente instrutiva.

Não estamos relatando essas situações a fim de criticá-las, uma vez que entendemos que esses fatos correspondiam à realidade educacional da época, mas consideramos fundamental apresentar essas situações para poder afirmar que a disciplina de Educação Física mudou e sua transformação foi positiva, pois agora ela passa a atender todos os alunos.

A partir da revisão histórica sobre o campo da Educação Física escolar podemos identificar no cerne de cada concepção a perspectiva de mundo e de indivíduo que era defendida e posta em prática. Sobre as duas primeiras concepções revisadas, a higienista e a militarista, buscou-se resolver problemas sociais por meio da escola, a qual serviu com eficiência no cumprimento das suas metas educacionais. Porém, os valores humanizadores eram pouco trabalhados.

A transformação pedagógica em prol do olhar do aluno e da cidadania começou com os escolanovistas, que incorporou no campo educacional uma perspectiva mais próxima dos valores pretendidos por uma Educação Física humanizadora, principalmente ao questionar o ensino tradicional que era desenvolvido até então. Começa-se aí a centralizar a figura do aluno no processo de ensino e aprendizagem, e não mais o professor. Porém, por sugerir mudanças estruturais e organizacionais complexas e por não redigir proposições teóricas e políticas, essa tendência serviu para aumentar as desigualdades sociais, desse modo, indo contra aos princípios de uma educação humanizadora.

Os valores morais e éticos do esporte contribuem muito para uma aprendizagem humanizadora, porém, a concepção que insere o esporte como principal conteúdo curricular da Educação Física, a qual denominamos de competitivista, acaba desenvolvendo outros

valores por meio do esporte, ligados as práticas esportivas de rendimento. Dessa forma, gera-se a seleção e a competição acima de tudo, descumprindo com a possibilidade de uma aprendizagem cooperativa, solidária e com possibilidades de sucesso a todos.

Sob as concepções desenvolvimentista e construtivista podemos ressaltar que o foco nelas foi essencialmente o indivíduo que se movimenta. Mesmo não desconsiderando o aspecto das relações sociais estabelecidas pelas práticas corporais, estas não constituem-se como foco do ensino, mas sim as habilidades motoras, a criatividade, o desenvolvimento motor, entre outros.

Desse modo, acreditamos que vivências humanizadoras podem ser desenvolvidas em diferentes correntes teóricas, ao menos nas que consideram o homem como um ser relacional ativo no processo de ensino e aprendizagem, como destacamos anteriormente. Porém, é sobre os princípios críticos e progressistas da educação que os as práticas humanizadoras tem real sentido.

Ao propor que a Educação desenvolvida no âmbito escolar desenvolva o aluno de forma integral e humanizada é fundamental que todos os aspectos do desenvolvimento humano sejam considerados, fundamentalmente, sua relação e colaboração para um mundo mais justo e solidário.

Nesse momento alguns educadores da área passaram a pesquisar novas formas de atuação didática e pedagógica na busca de responder como incentivar os alunos tímidos ou que não gostam participar e avançar na aprendizagem? Podemos dizer que ainda não temos uma proposta pronta, pois como bem define Gonzáles e Fensterseifer (2009) a Educação Física escolar está no descompasso do “não mais” e o “ainda não”.

Nessa direção, surgem alguns apontamentos que acreditamos de fundamental importância para que escola e o ensino das práticas corporais proporcionem de fato uma educação humanizadora. Recorrendo as propostas críticas da Educação Física, desvelam-se dimensões curriculares e metodológicas por anos inquestionáveis, mas que serviram por reproduzir nas escolas relações de poder e de individualismo presentes na sociedade.

Como nos mostra Kunz (2010), a visão do ser humano como máquina, criticada por inúmeros pensadores sobre o processo de produção industrial, o qual pode ser transposta para atletas de alto rendimento. Estes representam claramente isso, o atleta precisa obter eficiência senão é descartado e trocado por outro, possivelmente durará poucos anos em alto nível, ou seja, homem igual a produto, mercadoria, com preço, validade e eficiência controlada. Além da pura crítica a esses conceitos, precisamos ir além da crítica para não sermos reféns das teorias crítico-reprodutivistas, conforme salienta Saviani (1997). Entendendo o papel

ideológico da mídia, que no caso promove o esporte de rendimento, nossos alunos estão carregados desses valores, os quais cabe a escola desconstruir.

Nesse sentido, como nos lembra Kunz (2010), desmistificar o esporte de rendimento dentro da escola é necessário para a construção de práticas mais humanas e socializadoras. Refletir com os alunos sobre o entendimento de que é possível jogar com o adversário e não contra ele é de suma importância. O esporte que defendemos vai ao encontro de possibilitar aos educandos desenvolver suas potencialidades motoras, sociais e políticas, e não de promover nestes experiências de insucesso e incapacidade.

Assim, promove-se a inclusão social dos menos habilidosos e dos alunos com necessidades educacionais especiais, criando vínculos de ensino e aprendizagem entre os próprios colegas também.

O conceito de um ensino humanizador vai ao encontro da valorização do ser, em suas potencialidades e condições que completam as dimensões humanas. Ao centralizar o conteúdo e secundarizar o ser que se movimenta estamos contribuindo para a mecanização dos movimentos e desvalorizando o conhecimento de mundo de cada indivíduo. De acordo com Kunz (2010) o ser que se movimenta precisa estar no centro do processo de ensino e aprendizagem para promover uma formação crítica e emancipatória dos estudantes.

Outro ponto que destacamos como de extrema importância é o fato da promoção de exercícios coletivos. O trabalho em equipe auxilia o desenvolvimento de novas dimensões de aprendizagem através da cooperação, estabelecendo para alguns mais confiança e segurança na realização de determinadas atividades. A crescente individualização dos seres é também um desafio a ser trabalhado pela escola, e a educação física constitui-se em um importante espaço para obtenção do trabalho coletivo e cooperativo.

Referenciais

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. São Paulo: Editora Forense-Universitária, 10ª edição, 2007.

CASTELANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas – São Paulo: Papirus, 1988.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

ESCLARÍN, Antonio Pérez. **Educar para humanizar**. São Paulo: Paulinas, 2006.

HENZ, Celso, I. Na escola também se aprende a ser gente. In. HENZ, C. I; ROSSATO, R. **Educação humanizadora na sociedade globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007, p. 149 – 167.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, v.14, 2011 (Coleção “questões da nossa época”).

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **O que é Educação Física**. São Paulo, Editora Brasiliense. 5. ed, 1986.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.